

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.15022020243-252>

O GRANDE PODER TRANSFORMADOR: MÚSICA, POESIA E AMIZADE EM ANTONIO CARLOS SANTOS THE GREAT TRANSFORMING POWER: MUSIC, POETRY AND FRIENDSHIP IN ANTONIO CARLOS SANTOS

Joca Wolff*
Campeche, 2020

Resumo: Este é um texto dedicado a Antonio Carlos Santos, a propósito de sua trajetória poética, musical e intelectual do Rio de Janeiro a Florianópolis e a Frankfurt, em via de mão tripla. Versa sobre música, poesia, amizade e vice-versa. Para isso, faz da memória estória, e vê a poesia como som e sentido lá na casa do meu amigo.

Palavras-chave: Música. Poesia. Amizade. Antonio Carlos Santos. Kumba.

Abstract: This is a text dedicated to Antonio Carlos Santos concerning his poetic, musical and intellectual journey from Rio de Janeiro to Florianópolis and then to Frankfurt as a three-way road. It relates to music, poetry and friendship and vice versa. For that it turns memory into story and looks at poetry as sound and sense down there in my friend's house.

Keywords: Music. Poetry. Friendship. Antonio Carlos Santos. Kumba.

Música, poesia e amizade são os vetores da ciência encantada das macumbas e de seu grande poder transformador, que vamos invocar neste texto dedicado: dedicado à amizade sob o influxo desta ciência e de nenhuma outra, desde que o samba é samba. E não estamos a delirar aqui: é jogo sério. Os *kumba* (*ma* indica o plural) eram os poetas-feiticeiros, os encantadores das palavras na língua quicongo, segundo Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas, em *Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas* (Rio de Janeiro: Mórula, 2018, p. 5), uma das línguas de Angola, falada em várias regiões africanas e transplantada à força para a América a bordo dos navios negreiros, com toda a violência selvagem dos brancos e as consequências temidas e conhecidas. Parto de uma citação com cidade, editora, ano, página e tudo para me aconchegar sem culpa numa revista acadêmica científica indexada nas agências oficiais de fomento e derivados. E a cidade não poderia ser outra que o Rio. Pois nesse dossiê dedicado ao doce bárbaro Ca(rio)co, fruto de chamada de professorxs que trabalham duro e resistem como podem numa universidade público-privada, faço um mergulho autográfico íntimo-público, isto é, desfiguro e esfacelo nossas faces e corpos falantes, numa conversa franca e críptica, estudinho de formas de amizade creio que dignas de nota. O que explica – caso seja necessário explicar alguma coisa – o encontro de todas e todos nessa barca-dossiê, navilouca bárbara e tecnizada disseminadora de afetos entre nós, suas passageiras.

∞

* Doutor em Literatura. Professor do PPGLit, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jocawolff@hotmail.com.

Antonio Carlos Gonçalves dos Santos eu conheci por acaso e conexão cósmica há mais de trinta anos, ele chegando do norte do país na ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, à qual eu já estava então fatalmente magnetizado. Algo de terra, muito de mar, cantou um poeta popular da ilha (em versão modificada). Mas eram os fins dos 80, eu havia chegado no início da década, aos 18 de idade, desde o sul. Mas disso tudo só digo que fui atraído pelo violão, o violão brasileiro que ele tocava e seguiu tocando cada vez mais e sempre, e a partir da música veio o resto: o sotaque do Rio (“o português brasileiro, ué”, como ele diz entre risos) e tudo mais que isso significa – beijos, abraços, risadas –, os livros (o hábito de “virar página”) e os prazeres da conversação regada a água, cigarros e um leve tempero alcoólico. Uma rara dose de uísque pra ele, duas ou três taças de vinho pra mim.

Junto com o violão, a amizade veio pela música da voz do Caco, que sempre soube cativar as plateias, na sala de casa e na sala de aula, apesar da fama paradoxal e assumida de antissocial. Alto e bom som, literalmente, essa voz aveludada ele foi trabalhando no canto e no contato com outras cantoras, outros músicos, outras músicas, no caminho tanto de um João Gilberto quanto de um Gilberto Gil. No caminho dos Gilbertos, quer dizer, cantando baixo bonito mas sem desconsiderar as notas mais extensas. Nesse caminho fui superando os preconceitos que eu tinha com as baladas sentimentais, já que o Caco sempre foi desafiando esse repertório no violão ao longo dos anos, tocando desde Nega Gizza, Chico Trujillo e Cole Porter até Sting, Jorge Mautner e Stephan Hemmler (“Da da da”). Aprendi isso ali, no ato, ouvindo-o cantar esses temas, voz e violão, não fazendo concessões apenas ao que ele chama de “rock de macho branco”.

O pós-tropicalismo aclimatado na ilha do Desterro: esse o Caco que conheci e conheço. O detalhe é que agora, pleno 2020, ele estendeu o projeto pra além-mar e foi mulatizar a Alemanha, seguindo a trilha precursora de Oswald de Andrade, que até onde eu sei não falava alemão e não esteve na Alemanha. Pois estiveram sim na Alemanha artistas bem brasileiros do mundo como Hermeto Pascoal (inúmeras vezes) e Itamar Assumpção (uma vez), fato que reverberou em suas respectivas usinas musicais – ambos compuseram temas sob o influxo da língua alemã. O Caco canta e fala, fala e pratica e vive a língua alemã também (além do grego e do que vem do grego, politeísta, poliglota que é). E se ele compõe, nunca se soube – ou não mostra, exigente que é. Mas eis que do Desterro ele se desterrou pra Frankfurt: virou um frankfurtiano!, membro tardio do instituto de pesquisa social por onde passaram os Benjamin, Adorno e Horkheimer da vida. Da beira-mar no Cone Sul pro beira-Meno, terra de Goethe, no centro da Alemanha, e decerto que vice-versa. Isso (a mulatização da Alemanha) se confirma – e eu falo aqui muito despreocupadamente porque ele deixou sua âncora na praia do Campeche, onde (também) vive há décadas –, isso se confirma com a publicação da sua própria última-recente pesquisa sócio-político-literária sobre o racismo em Jorge de Lima (1893-1953).

O poetinha-prodígio do soneto parnasiano “O acendedor de lampiões”, o poeta modernista dos *Poemas Negros*, o escriba cristão de *A túnica inconsútil* – o Caco conclui – era um típico membro da elite brasileira e, sendo também médico e cientista, desejava e antevia um futuro brasileiro geneticamente embranquecido. Pois dito e feito: a vingança da Negra Fulô é o Caco quem propicia neste ano da peste, atualizando e organizando o debate em torno da vida-obra do poeta alagoano a partir das mais diversas fontes: Roger

Bastide, Antonio Rangel Bandeira, Dulce Vianna, Daniel Glaydson Ribeiro, Maria Graciema Aché de Andrade, além das próprias relações filonazistas do poeta. Tá tudo nesse linque: <http://www.revistalanda.ufsc.br/vol-8-n2-2019/> Seção “Olhares”. Título? “Onde é que fica a minha ilha? Formação e política racial em Jorge de Lima”. Otobiograficamente, o escritor e pesquisador Antonio Carlos Santos escolheu um título ilhéu, extraído do final do poema “A noite desabou sobre o cais”, de *Tempo e eternidade* – o livro de “arte cristã” (Tristão de Athayde) compartilhado com Murilo Mendes (1935):

A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.
Rangem guindastes na escuridão.
Para onde vão essas naus?
Talvez para as Índias.
Para onde vão?

Capitão-mor, capitão-mor,
quereis me dizer onde é que fica
a ilha de São Brandão?

A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.
Rangem guindastes na escuridão.
Donde é que vêm essas naus?

Serão caravelas? Serão negreiros?
São caravelas e são negreiros.
Há sujus marujos nas caravelas.
Há estrangeiros que ficam negros
de trabalharem no carvão.
Homens da estiva trabalham, trabalham,
sobem e descem nos porões.
Para onde vão essas naus?

Saltam emigrantes embuçados,
mulheres, crianças na escuridão.
De onde vem essa gente?
Não há mais terras de Santa Cruz gente valente!

Ó indesejáveis qual o país,
qual o país que desejais?
Como é o nome dessas naus
que não se lê na escuridão?
Vão descobrir o Preste João?
Na minha geografia existe apenas
perdido no mar o cabo Não.
A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.

Essas naus vão para o Congo?
Castelo de Sagres ficou aonde?
Capitão-mor onde é o Congo?
Será no leste, no mar tenebroso?
Capitão-mor perdi-me no mar.
Onde é que fica a minha ilha?

Para onde vão os degredados,
os que vão trabalhar dentro da noite,
ouvindo ranger esses guindastes?
Capitão-mor que noite escura
desabou sobre o cais,
desabou nesse caos!
(LIMA, 1958, p. 384)

No texto diamantino de Antonio Carlos Santos na revista *Landa* o arquivo alemão de Jorge de Lima é aberto de imediato para ir sendo reconstruído pouco a pouco, num andamento cadenciado e certo por suas 40 páginas, entre cartas, prefácios, paratextos nas duas línguas e geografias. Cito o primeiro parágrafo, que anuncia diretamente a que veio:

Em 1924, dez anos depois de se formar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com uma tese sobre o destino higiênico do lixo, Jorge de Lima escreve em alemão um ensaio sobre a formação do povo brasileiro, *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (Formação e Política Racial no Brasil), fazendo eco à conhecida tese do embranquecimento que teve em Varnhagen seu primeiro escriba (ODALIA, 1997). A ideia era combater a visão pessimista do Brasil de europeus como Georges Vacher de Lapouge e Gustave Le Bon, e anunciar aos alemães o lugar do país no futuro, “o ponto de convergência do progresso humano”. Quando estampado na contracapa do romance *Salomão e as mulheres*, em 1927, o texto trazia um outro título e o fragmento de uma introdução, em alemão, assinada por Ludwig Schwennhagen. A primeira edição, no entanto, só sairia no final de 1934, por uma editora da cena *völkisch* (nacionalistas de extrema-direita) de Leipzig, a Adolf Klein Verlag, com o prefácio de Hans Bayer, representante da Deutsche Nachrichtenbüro (DNB), a agência de notícias oficial do Terceiro Reich, no Brasil. (SANTOS, 2020, p. 326-327)

Em seguida vem a imagem da capa da pequena edição alemã do livro – livro-tabu que se revela finalmente de uma vez e que confirma aquilo que sua obra em poesia e prosa já apresentava de maneiras mais ou menos sutis: o seu inegável caráter eugenista¹. Criado na Casa Grande, Jorge de Lima nasceu poeta e já escrevia versos a partir dos sete anos de idade, segundo reza a lenda da família. A edição de sua poesia completa, organizada por Afrânio Coutinho em 1958, dá conta desse prodígio, se bem que em suas memórias ele confesse que a mãe arrematava os versinhos, é claro; mas tá lá pra quem quiser ver como introdução aos “Sonetos”. No terceiro desses poemas infantis, aliás, lemos: “Benedito

¹ Em artigo publicado em *O Estado de São Paulo* a 8 de janeiro de 1939 sobre *A túnica inconsútil* (1938), sem qualquer referência à questão racial, Mário de Andrade escreve: “Eis um artista que não poderá ser perfeitamente compreendido, ou pelo menos explicado, sem uma exegese bastante pormenorizada. Jorge de Lima é um mundo de contradições por explicar e de dificuldades a resolver”. No primeiro volume da obra completa do poeta alagoano organizada por Afrânio Coutinho, este artigo se transforma em “Nota preliminar” (pp. 417-421) de *A túnica inconsútil*.

criado de meu pai/A ele chamam diabo/Por ser preto esse rapaz/Mas Benedito é meu amigo/Por isto eu o bendigo/E lhe digo muito ancho/Benedito você é um anjo” (LIMA, 1958, p. 185). Perdida a inocência do infante Jorge de Lima, o médico formado e o poeta consagrado diriam algo como: “Por ser preto e diabólico esse rapaz, há que embranquecê-lo”. Munido da ciência positivista como precoce cientista da saúde, não havia outra. Com o tempo os anjos voltam na profunda religiosidade que vai ganhando sua poesia, mas o paradigma eugenista se mantém intacto – como nos mostra Antonio Carlos Santos:

É como se ele [o ensaio *Formação e política racial no Brasil*] corresse, quase indecifrável, em gótico, sob a corrente de sua obra poética, de romancista, ensaísta, pintor, se mantendo mesmo quando Jorge de Lima abandona o positivismo ateu de sua formação acadêmica tornando-se um católico fervoroso, no início dos anos 20, instigado pela conversão de Jackson de Figueiredo. (SANTOS, 2020, p. 328)

Em “A noite desabou sobre o cais”, as perguntas feitas – como aquela sobre a localização da “minha ilha” – já vinham sendo feitas no poema imediatamente anterior, que abre *Tempo e eternidade*, “Distribuição da poesia”. Navios e escravos vêm atravessando cada estrofe e assim seguem navegando livro adentro. Há inclusive perguntas que se repetem nos dois poemas, estas: “Ó indesejáveis qual o país, qual o país que desejais?”. “Essas naus vão para o Congo?”, a voz poética pergunta no final do segundo poema, sucedida cinco versos depois por “Onde é que fica a minha ilha?”. Noite escura, cais, caos são as últimas palavras do poema, que segue e segue noite, dia, mar e céu afora, *Tempo e eternidade* adentro.

“Qual o país que desejais?” é uma interrogação simétrica a “Onde é que fica a minha ilha?” na medida em que a ilha maravilhosa, o eldorado em questão é o Brasil. “Qual o país que desejais?” reverbera a reflexão desenvolvida no seu ensaio-tabu jamais publicado em português, enquanto que “Onde é que fica a minha ilha?” também permite ler reminiscências autobiográficas, com a devida licença poética que me permito aqui. Reminiscências e ressonâncias essas que, para quem conhece o Caco, não são quaisquer: sua, nossa ilha não existe à toa nessa trajetória ímpar de músico popular sofisticado, fino tradutor e crítico literário erudito, cuja biblioteca tem o que você quiser. A propósito, lembro que, saindo de sua casa, no último de nossos encontros mascarados e à distância no jardim (na pandemia era assim que a gente se encontrava), apenas dois dias antes dele viajar para Frankfurt em julho último, lembrei de perguntar se era facilmente encontrável a edição que ele disse que tinha do “romance proletário” *Parque industrial* (1933) de Patrícia Galvão. Subiu até a biblioteca e desceu em seguida com o livro na mão, a segunda edição, de 1981. Foi o estímulo que faltava para seguir adiante com meu próprio projeto de pesquisa em torno de Pagu, de que uma fala virtual ao vivo intitulada “Patrícia Galvão como escritora-ciborgue” foi um primeiro passo. Gratidão de aço (*d’acier*, como ela diria).

∞

Antonio Carlos, Caco carioca, gaúcho, uruguaio, argentino – vários estilhaços ao sul do mundo também, o seu vasto mundo sul-americano. Viajava e viaja muito a gente do Antonio Carlos Gonçalves dos Santos, com forte atração pela região do Atlântico sul. Seus diários no *Bazaramericano.com* argente têm desdobrado essa experiência *on the*

road mesclando escrituras de leituras, cartas, caminhadas, telefonemas (com ou sem vídeo), diários familiares, pássaros e auroras: <https://www.bazaramericano.com/columnas.php?cod=234&pdf=si>

Ali, no *Bazar*, o colunista Antonio Carlos Santos é “um tradutor no Baixio dos Francos” – reproduzo os termos da última postagem no inverno de “Francoforte do Meno 2019-20, Verão na Ilha [de SC] (Ano I/II da Miséria Nacional)”. Aqui, é como na música: uma escrita leve e aveludada e ao mesmo tempo densa, cuidadosamente tramada – a voz de um João Gilberto (onipresente) mesclado a um Manuel Bandeira, incluindo – por que não – pitadas de Paloma Vidal e Carlito Azevedo, essas raras figuras da cena intelectual carioca, como ele, com um pé ou dois em Latinoamérica. Vejo semelhanças em suas escrituras, no sentido do registro do cotidiano mais cruel colocado delicadamente, de um ponto de vista ao mesmo tempo próximo e distante. Quanto à biblioteca velho-mundista dele, fiquemos apenas com dois ou três nomes mencionados nos diários, porque ela tomaria todo nosso espaço: assim, decerto que W. G. Sebald está presente, do mesmo modo que Paul Celan está presente, do mesmo modo que Al Alvarez, escritor-nadador (como o Caco), etc. etc. etc.

E tem a China, obsessão de leitura e pesquisa mais recente, e tem a Rússia, e tem o Islã, e tem Palmares... Tem a náusea e o nojo do supremacismo. E tudo isso vem de “pan américas de áfricas utópicas”, vem das ene línguas que ele usa, vem de velhos poetas-feiticeiros *kumba*...

∞

Concluo essa conversa com um breve relato de uma semana – a primeira semana de outubro de 2020 – como professor remoto emergencial de remotas e excepcionais literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina: as aulas foram dedicadas aos *Poemas Negros* de Jorge de Lima na quarta-feira (graduação) e à poeta negra Audre Lorde na quinta-feira (pós-graduação), sempre pela manhã. Coincidência algo previsível nesses tempos de lutas antifascistas dentro e fora das salas de aula em 2019, dentro e dentro das comunidades virtuais em 2020, mas que eu, de fato, não tinha calculado como sequência (precisamente, um dia atrás do outro com uma noite no meio). Sempre tenho um pé-atrás com minhas abordagens de poesia (confesso) em aula, temendo o silêncio mais absoluto – já aconteceu de ler e desdobrar pra alguma turma o mais tocante dos poemas, e outro, e mais outro, e não receber nenhum retorno. No caso dos *Poemas Negros* foi o contrário: apesar dos aparatos tecnológicos virtuais a nos separarem, várias alunas se prontificaram a recitar, inclusive “Essa negra Fulô”, sendo que uma aluna e um aluno acabaram dando depoimentos sobre a genealogia de suas famílias, ela catarinense, ele paulista, ambos do interior, em que a negritude dos ancestrais havia sido completamente apagada da memória das famílias e inclusive dos cartórios.

Só no final da aula daquela quarta-feira entrei com o debate incômodo mas incontornável na fortuna crítica do poeta alagoano, que Antonio Carlos Santos acaba de reordenar e sacudir, sobre sua adesão decidida ao eugenismo, do qual (como vimos) foi militante a vida inteira mas exclusivamente em língua alemã. Adesão comprovada (como também vimos) em “Formação política e racial no Brasil”, publicado – repito – duas vezes apenas em alemão, a primeira em plenos anos 30 na Alemanha nazista, a segunda pouco antes do poeta morrer em 1951 no Brasil, por obscura editora carioca (quem terá lido esse

livro no Rio e em alemão, naquele momento de completo refluxo do nazifascismo?). Tradução e comentários e fios soltos atados pelo mesmo Antonio Carlos Santos em “Onde é que fica a minha ilha?” – que é onde se encontram os pequenos-grandes detalhes da investigação em torno de todo e qualquer Jorge de Lima: poesia, romance, prefácios, capas, contracapas, cartas, documentos, conforme retomados no final daquela aula.

Desde o início da pesquisa dele sobre o assunto, que tomou quase todas suas horas nos últimos dois ou três anos entre arquivos brasileiros e europeus, tornou-se outra coisa, bem mais nuançada e perturbadora, a leitura da poesia e da vida de Jorge de Lima. Sem ser inédita a questão do racismo no poeta, como ele próprio mostra em seu texto, aquilo que mal se disfarçava na sua produção literária em prosa e verso, assim como na própria noção de “democracia racial” de Gilberto Freyre (que a reafirma inclusive no prefácio aos *Poemas Negros* do amigo alagoano), fica comprovado definitivamente com essa releitura detalhada e com a tradução das duas versões de *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (tradução mantida inédita, exposta apenas parcialmente no texto).

O eugenismo de Jorge de Lima aparece, como mencionado acima, em sua própria poesia, o que a turma de graduação percebeu rapidamente. Mas não se tratava exatamente do eugenismo de Adolf Hitler ou do atual presidente brasileiro, esbravejado grosseiramente para as massas nos anos 30 e no atual momento. Poeta sofisticado de obra complexa, médico de prestígio com consultório famoso no prédio do Amarelinho², no centro do Rio, a opção pela ilha / país geneticamente modificados – segundo as “raças superiores” a substituírem gradualmente as “raças horríveis” – se mantém sem tirar nem pôr na reedição do pós-guerra, que é o período da reunião dos *Poemas Negros* em 1947 e da publicação de seu livro de poesia mais ambicioso, *Invenção de Orfeu* (1952). O estudo do jovem Jorge de Lima, republicado pelo velho poeta que teima no equívoco, é preciso dizer, é de uma ingenuidade perversa e de um patriotismo insensato, assim como a mudança de “raças horríveis” para “raças de cor” na segunda edição também o é. O fato é que em nossa aula, remota aula, não podíamos concluir senão que o racismo e a herança da escravidão se mantêm como uma grande ferida aberta não apenas na literatura mas no Brasil do tempo presente e, de modo geral, no Ocidente contemporâneo, mas que milhares de pessoas seguem desdenhando e ignorando deliberadamente, aos gritos insanos de “nigger, nigger”.

Manhã seguinte, começo às nove horas a aula da pós-graduação justamente dedicada à poeta e ativista norte-americana Audre Lorde (1934-1993) – negra, lésbica, feminista, socialista, mãe e integrante de casal inter-racial, como ela gostava de se apresentar –, lemos... aliás, uma aluna leu um poema dela intitulado “Who said it was simple?” (1973), em mais uma interrogação que se poderia remeter à contradição de Jorge de Lima pelas lentes de Antonio Carlos Santos: quem disse que era simples? Lemos esse poema em tradução ao português em paralelo com algumas falas dela, entre as quais uma chamada “As ferramentas do Senhor nunca derrubarão a Casa Grande” (1979). Naquele poema e nesta fala alude-se a uma contradição não menos complexa que a de Jorge de Lima, a de um “feminismo racista” – no poema, sutil e delicado, em alusão às feministas brancas que se manifestavam nas ruas deixando os filhos e filhas com “problematic girls”

² Eram na verdade dois consultórios, segundo Mário de Andrade: um para pacientes, outro para poetas.

(certamente negras ou latinas) como *baby-sitters*, e na fala em um congresso na qual ela questiona severamente a própria organização do evento, que marginalizou as duas únicas conferencistas negras (convidadas de última hora), mostrando que a Casa Grande continuava de pé bem ali, no meio de um congresso cheio de boas intenções progressistas na New York University, ao mesmo tempo em que o neoconservadorismo crescente dos Estados Unidos podava direitos adquiridos pelas lutas das mulheres. Vale a pena colar aqui uma tradução do belo canto da poeta do Harlem, autora de *Irmã Outsider* (1984)³ e encarnação dela:

Tem tantas raízes a árvore da ira
que às vezes os ramos se quebram
antes de dar frutos

Sentadas num Nedicks⁴
as mulheres se juntam antes de marchar
falando das problemáticas garotas
que elas contratam para ficarem livres.
Um empregado quase branco passa
um irmão que espera para atendê-las primeiro
e as damas não percebem nem rejeitam
os prazeres mais sutis da escravidão deles.
Mas eu que estou atada ao meu espelho
assim como à minha cama
vejo causas na cor
assim como no sexo

e sento aqui me perguntando
qual dos meus eus sobreviverá
a todas essas libertações.⁵

Tem tantas raízes a árvore da ira. Mas o mesmo vale, com direito a frutos e flores tropicalistas, para a árvore da alegria, uma vez que, no começo da aula, os feiticeiros *kumba* se fizeram presentes: assim que eu acabei de pronunciar a frase que concluía a

³ Há uma recente tradução brasileira de *Sister Outsider* feita por Stephanie Borges (Belo Horizonte: Autêntica, 2019).

⁴ Cadeia de *fast-food* dos Estados Unidos.

⁵ Versão levemente modificada a partir da tradução anônima do poema publicada na edição pirata de *Textos Escolhidos de Audre Lorde* pela Herética Difusão Lesbofeminista Independente, cujos lemas são: “fotocopie, difunda, circule!”, “A propriedade intelectual é um roubo”, “Anticopyright, Anticomercial”, “Arme seus próprios livros”, “Autonomia Feminista”. Segue a versão original do poema: *There are so many roots to the tree of anger / that sometimes the branches shatter / before they bear. // Sitting in Nedicks / the women rally before they march / discussing the problematic girls / they hire to make them free. / An almost white counterwoman passes / a waiting brother to serve them first / and the ladies neither notice nor reject the slighter pleasures of their slavery. / But I who am bound by my mirror / as well as my bed / see causes in colour / as well as sex / and sit here wondering / which me will survive / all these liberations* (LORDE, Audre. *From a Land Where Other People Live* (1973). In: *The Collected Poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton, 1997).

minha introdução – “e vamos ver como é que esses textos cantam” – um aluno que é músico pediu licença pra cantar: “Professor, posso tocar uma rápida pra gente começar? Acho que tem a ver”, disse Ernesto Costa Gama. Eu respondi claro que sim e então surgiu nos fones de ouvido, voz e violão, nada mais nada menos que “Desde que o samba é samba” de Caetano Veloso⁶. Ernesto vive no extremo sul da ilha de Santa Catarina, com limitações de internet, mas participa de cada aula usando só o áudio. Foi então que ele mandou essa, de que o Caco também é admirador e intérprete:

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite, a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora [...]

O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou
O samba não vai morrer
Veja o dia ainda não raiou
O samba é o pai do prazer
O samba é o filho da dor
O grande poder transformador [...]

Saravá, meu irmão!!!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. Nota preliminar. In: LIMA, Jorge de. *Obra Completa* vol. 1. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.
- LIMA, Jorge de. *Obra Completa* vol. 1. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.
- LIMA, Jorge de *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. Leipzig: Adolf Klein Verlag, 1934.
- LIMA, Jorge de *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, 1951.
- LORDE, Audre. *From a Land Where Other People Live* (1973). In: *The Collected Poems of Audre Lorde*. New York: W. W. Norton, 1997.
- LORDE, Audre. *Textos Escolhidos de Audre Lorde*. Edições Lesbosfeministas Independentes, s. d.
- SANTOS, Antonio Carlos. Onde é que fica a minha ilha? Formação e política racial em Jorge de Lima. *Landa* (UFSC) vol. 8, nº 2, Florianópolis, junho 2020.

⁶ Do disco *Tropicália 2*, de Caetano e Gil, 1993: “Pense no Haiti, reze pelo Haiti/O Haiti é aqui/o Haiti não é aqui”.

SANTOS, Antonio Carlos. Diário de viagem. *Bazaramericano*, Mar del Plata-Buenos Aires, septiembre-octubre 2020.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. *Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

VELOSO, Caetano. Desde que o samba é samba. In: VELOSO, Caetano e GIL, Gilberto. *Tropicália 2*, Rio de Janeiro e Salvador, Polygram, agosto 1993.

Recebido em 18/10/2020. Aprovado em 11/11/2020



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.